



OS PAPÉIS DA EQUIPE DOCENTE NO PROCESSO DE ACOMPANHAMENTO DA APRENDIZAGEM EM CURSOS A DISTÂNCIA

Maria Emilia Sardelich¹

RESUMO

A modalidade de ensino denominada de Educação a Distância (EaD) se realiza por meio de um processo mais complexo que a formação presencial. Por essa razão, mais que um professor em sala de aula, a EaD necessita de uma equipe docente para organizar a situação didática. Na modalidade a distância os papéis do professor se multiplicam, exigindo habilidades e capacidades diferentes da modalidade presencial. Este artigo tem por objetivo identificar os papéis da equipe docente no processo de acompanhamento da aprendizagem na modalidade de formação a distância. Por meio da pesquisa bibliográfica, delimitada ao material publicado sobre o tema entre os anos de 2000 a 2010, no Brasil, apresentamos os atores da equipe docente, as expressões empregadas para denominar esses autores e os papéis que esses atores desempenham no acompanhamento da aprendizagem.

Palavras-chave: Educação a distância; professor a distância; docência a distância.

ABSTRACT

The Distance Education is complex process than the traditional classroom training. For that reason, Distance Education needs a team teaching staff to organize the didactics action. In the distance education the roles of the teacher is growing, requiring different skills and abilities. This article aims to identify the roles of team teaching in the process of monitoring the learning in the modality of distance learning. By means of the bibliographic research, bounded to the material published on the subject between the years 2000 to 2010, in Brazil, we present the actors of the team teaching, the terms used to designate these authors and the roles that these actors play in the monitoring of learning.

Key-words: Distance education; distance learning; distance teachers.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Especialista em e-learning pela Universidade Nacional de Educação a Distância (UNED)Espanha. Coordenadora de Artes Visuais da Universidade Metropolitana de Santos- Unimes Virtual.



INTRODUÇÃO

Desde o início do século XXI a Educação a Distância (EaD) vem ganhando espaço no Brasil. Com base em uma supervisão realizada no primeiro semestre de 2009, o Ministério da Educação (MEC) divulgou dados que identificaram um crescimento de 90% no número de matrículas em cursos a distância em relação às matrículas do ano de 2008 (ABED, 2010). Com o aumento significativo de alunos nessa modalidade também cresce, na mesma proporção, a exigência de professores para a formação desses alunos. Como a mediação didático-pedagógica na modalidade a distância acontece por meio “das tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos” (BRASIL, 2005), a organização da situação didática envolve vários professores que se responsabilizam por atividades complexas como: produção de conteúdo em diferentes mídias, apresentação do conteúdo e acompanhamento da aprendizagem em ambientes virtuais. Devido à multiplicidade de atividades que os professores desenvolvem na EaD, as instituições de ensino estão adotando diferentes denominações para os mesmos, como professor on-line, professor pesquisador, professor orientador, orientador de aprendizagem, tutor, tutor a distância, tutor presencial. Consideramos que essas várias denominações podem dissimular o trabalho docente e muitas vezes sobrepor funções contraditórias entre os vários atores da equipe. Por essa razão realizamos uma pesquisa bibliográfica, delimitada no material publicado sobre o tema entre os anos de 2000 a 2010 a fim de identificar os significados que são dados à função docente na modalidade a distância. Delimitamos a pesquisa ao material publicado sobre o tema no Brasil entre os anos de 2000 a 2010. A seguir, apresentamos os atores da equipe docente, as expressões empregadas para denominar esses autores e os papéis que esses atores desempenham no acompanhamento da aprendizagem.



DENOMINAÇÕES E SIGNIFICADOS

Ao se perguntar sobre onde reside o significado dos conceitos sociais, Bruner (1988) se sentiu tentado a responder que o significado se encontra na negociação interpessoal. Nesse entendimento, o significado é aquilo sobre o qual podemos nos colocar de acordo, ou pelo menos, aceitar como base para chegar a um acordo sobre o conceito em questão. Bruner destaca que se discutimos sobre “realidades” sociais, como a democracia ou o produto interno bruto, e eu acrescentaria a prática educativa, a realidade não reside na coisa em si, mas no ato de discutir e negociar sobre o significado desses conceitos. Na concepção de Bruner (1988) as “realidades” não são tijolos com os quais tropeçamos, mas sim os significados que conseguimos compartilhando nossas experiências.

Para iniciar a discussão sobre o trabalho docente na modalidade a distância, vamos nos inspirar no procedimento da análise conceitual, indicado por Botti; Rego (2008). Esses autores afirmam que rastrear um conceito possibilita apontar as confusões que podem acontecer na sobreposição de uso de determinados termos em diferentes áreas. A finalidade desse procedimento é a de diminuir as dificuldades de comunicação. É com essa intenção que procuramos a origem das expressões tutor e tutoria, pois como observam Botti; Rego (2008, p. 364) “conceitos que parecem tão claros e delimitados podem ter várias facetas complexas e freqüentemente contraditórias”.

No dicionário da Língua Portuguesa Houaiss (2009) encontramos que a etimologia da palavra tutoria é a mesma de tutor. Bernal (2008) destaca que o termo tutor origina-se no latim *oris*, e significa a pessoa que exerce tutela, defensor, protetor. Na Antiga Roma denominava-se a pessoa que se desempenhava como protetor ou encarregado da tutela do pupilo até a idade de quatorze anos. Juridicamente, na Antiga Roma, o termo indicava o guardião com poder legal de cuidar de um menor de idade, a quem eram outorgados os mesmos direitos dos pais biológicos.

Botti; Rego (2008) observam que na língua portuguesa a expressão tutor entra em uso no século XIII com o significado de guarda, protetor, defensor. Além dessa acepção tutor também significa aquele que mantém outras pessoas sob sua vista, que olha, encara, examina, observa e considera. Nesse sentido, o tutor tem a função de amparar, proteger, defender, guardar no sentido daquele que dirige e governa. Botti; Rego (2008) destacam que na área da agricultura a expressão tutor designa a estaca que ampara uma planta durante seu crescimento. Os autores consideram que em todas as suas acepções a palavra tutor pertence ao campo semântico da proteção.

Partindo da mesma etimologia *oris*, a tutoria vem a ser função ou autoridade de tutor; o exercício da tutela. Para a área de administração de negócios públicos ou particulares, a tutoria significa a superintendência, governo, direção. Essa palavra também pode ter o significado de ação de preservar, proteger alguém ou algo de outro alguém ou algo; defesa, amparo, tutela, bem como o efeito dessa ação. Pode-se perceber que os significados variam de acordo com a área de conhecimento. Em Direito a tutoria significa a ação de tutela. Na Administração, ganha o significado da supervisão, direção e governo.

No âmbito da Educação a Distância (EaD), a palavra tutoria refere-se ao acompanhamento do aluno em um determinado curso. Nesse sentido, Oliveira (2006) indica que os "sistemas de tutoria" abarcam a "concepção e estruturação de sistemas de apoio aos estudantes que revelam na prática a concepção de EaD da instituição que o organizou" (OLIVEIRA, 2006, p. 1).

Apesar dos termos tutor e tutoria serem amplamente empregados na modalidade de EaD, Emerciano; Sousa; Freitas (2001) observam que esses termos necessitam ser ressignificados. Esses autores consideram que a ressignificação deve superar a acepção de proteção e indicam que trabalhar como tutor significa ser professor e educador expressando-se na tutoria a distância.

OS ATORES DA EQUIPE DOCENTE

Maia (2002) identifica o professor-autor e o professor-tutor como atores do processo de EaD, afirmando que o professor-autor produz o conteúdo do curso. Por essa razão muitas instituições de ensino denominam o professor-autor de conteudista. Na concepção de Maia (2002) o professor-tutor entraria em cena somente após a conclusão do conteúdo, com a função de promover a interação entre participantes e conteúdo, sem responsabilidade sobre o planejamento do curso.

Saraiva *et al* (2006) afirmam que o sistema de tutoria envolve professores, tutores e monitores. Na concepção de Saraiva *et al* (2006) professores, tutores e monitores são agentes que geram tensões no ambiente de aprendizagem. Essas tensões emergem das incertezas, das limitações e apreensões que acompanham o processo de aprendizagem dos diferentes agentes envolvidos em uma situação de curso, sejam alunos, professores, tutores ou monitores.

A inexistência de um modelo que dê conta das diferenças nas posições ocupadas por estes agentes nos múltiplos projetos, eivados de peculiaridades técnicas, tecnológicas e até relativas às linguagens e perfis das áreas de conhecimento a que se destinam, é um fator desestabilizador nas muitas formas de equacionar a EAD. (SARAIVA *et al*, 2006, 487)

A respeito das tarefas de cada um desses agentes, SARAIVA *et al* (2006) afirmam que as tarefas “estão por ser criadas por meio da escuta, da negociação, da argumentação que se faz também do sensível e do não tangível, para especular” (SARAIVA *et al*, 2006, 488). Desse modo esses autores não caracterizam as funções nem atividades que possam pertencer à esses agentes de tensão.

Philpsen *et al* (2006) descrevem o funcionamento da tutoria no curso de Licenciatura em Matemática a Distância (CLMD) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O sistema de tutoria do CLMD da UFPel envolve o professor pesquisador, o professor formador e tutores da sede e dos pólos. Para esses autores:



O professor pesquisador é o responsável pela produção do material didático; o professor formador é responsável pela execução das aulas presenciais, acompanhamento da disciplina e orientação aos tutores; os tutores da sede são professores que realizam a tutoria a distância; e os tutores dos pólos são professores que buscam manter o aluno motivado e acompanhar de perto seu desempenho.(PHILPSEN et al , 2006, p. 2)

Philpsen *et al* (2006) observam que o sistema de tutoria do CLMD da UFPel está formado por uma equipe multidisciplinar, sendo que cada profissional deve estar aberto à discussões que transcendem a área de formação específica. Essa equipe é responsável pelo apoio às atividades pedagógicas e sua contínua capacitação. Philpsen *et al* (2006) salientam que no sistema de tutoria do CLMD da UFPel a figura do tutor do pólo é fundamental pois esse profissional é quem tem contato presencial com o aluno, e é com ele que o aluno “sente que existem pessoas caminhando ao seu lado” (PHILPSEN *et al*, 2006, p. 6), pois muitos alunos não estão familiarizados com as tecnologias utilizadas pela UFPel.

O Guia do Tutor da Universidade Aberta do Brasil (UAB) apresenta a equipe de atores necessária para um curso ou disciplina na UAB. O Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) é um programa do Governo Federal, criado em 2005 em articulação com governos estaduais e municipais. Está regulamentado pelo Decreto n° 5.800, de 8 de junho de 2006, e pretende articular e integrar um sistema nacional de educação superior a distância, por meio de uma rede nacional, para expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no País. O Decreto de criação da UAB reconhece como sua finalidade democratizar o acesso à educação superior pública, gratuita e de qualidade, como um caminho para atender demandas educacionais urgentes, dentre estas a formação inicial e continuada de professores (UAB, 2008).

O trabalho pedagógico de um curso ou disciplina na UAB se organiza em torno da seguinte equipe: Coordenador de curso, Professor autor, Professor Supervisor, Tutor a distância, Coordenador de Pólo e Tutor presencial. Cada integrante da equipe tem uma função diferente.



O Coordenador de curso é o responsável pela implantação e acompanhamento do curso. Esse é o ator que monta o cronograma de atividades; realiza a seleção de tutores a distância, acompanha a formação dos tutores a distância; avalia a implementação do Projeto Político Pedagógico (PPP); coordena o trabalho de professores autores e professores supervisores; planeja as atividades do curso incluindo os encontros presenciais no pólo; relata o acompanhamento do curso e sua avaliação.

Para a UAB os professores autores são os responsáveis pela elaboração da disciplina e material pedagógico específico. Esse professor também deve acompanhar o desenvolvimento da disciplina para sua possível reestruturação. Cabe ao professor autor do sistema UAB as seguintes atribuições: elaborar a disciplina, com seu correspondente plano de curso; selecionar e preparar textos básicos, apresentados por unidades didáticas compatíveis à carga horária da mesma; inserir a disciplina no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA); indicar leituras complementares; elaborar a agenda dos encontros presenciais; realizar a revisão final do texto web e elaborar relatório mensal de atividades.

Ao Professor Supervisor cabe supervisionar 10 tutores a distância, porém não há indicação no Guia do Tutor UAB (UAB, 2008) do tempo necessário para a supervisão dessa quantidade de tutores. O professor supervisor tem a incumbência de: planejar as atividades pertinentes ao curso, incluindo os encontros presenciais nos pólos (calendário); participar da formação dos tutores (planejamento e execução); acompanhar e supervisionar o trabalho dos tutores; realizar reuniões pedagógicas com os tutores, pelo menos uma vez por semana; orientar a dinâmica da tutoria, inclusive durante a recuperação paralela e final dos alunos; elaborar relatórios de acompanhamento e de avaliação.

O tutor a distância “acompanhará o processo de aprendizagem de um grupo de 25 (vinte e cinco) alunos a 35 (trinta e cinco) alunos” (UAB, 2008, p. 13). O Guia do Tutor UAB (UAB, 2008) não esclarece a quantidade de horas necessárias para o atendimento a esse número de alunos e ratifica a função do tutor a distância como sendo a de

“acompanhar os alunos no processo de aprendizagem por meio da mediação sujeito - sujeito; sujeito - conhecimento; sujeito - tecnologias” (UAB, 2008, p. 21).

O sistema UAB exige experiência comprovada no magistério ou formação pós-graduada para o tutor a distância. O Guia do Tutor UAB (UAB, 2008) indica que:

(...) reconhecer o tutor como mediador é resgatar o princípio epistêmico da ação docente. É compreendê-lo como articulador do processo de formação, criador de situações de aprendizagens que proporcione ao aluno em formação montar estratégias para resolver a situação, reconstruir conceitos e utilizar os processos de estruturas mentais complexas (UAB, 2008, p. 21).

O Guia do Tutor UAB (UAB, 2008) afirma que “não há modelo para um tutor, mas algumas características se mostram desejáveis à mediação pedagógica ser realizada por esse profissional. Para fins didáticos, essas características podem ser agrupadas em três grandes blocos – profissionais, pessoais e didáticas” (UAB, 2008, p. 22).

Cada Pólo da UAB conta com um coordenador de pólo que necessita: coordenar a oferta do curso em seu pólo; manter as instalações para atender os alunos e estabelecer contato entre coordenadores UAB nas IES e MEC; participar no curso de formação em EAD, reuniões pedagógicas; atentar para a constante busca da participação dos alunos; acompanhar o trabalho dos tutores, orientando, dirimindo dúvidas e garantindo o cumprimento do horário no pólo; criar condições que favoreçam a permanência do aluno no pólo e o acesso ao curso, adaptando os horários de atendimento no pólo às necessidades dos alunos; criar condições que favoreçam a realização dos encontros presenciais; assegurar o bom andamento do pólo e do curso e a qualidade do atendimento ao aluno; elaborar relatório mensal de atividades; articular as ações do MEC, IFES e mantenedora do Pólo; gerenciar administrativa e pedagogicamente o Pólo; formar parcerias com outras instituições; organizar atividades extracurriculares no Pólo; responsabilizar pelo recebimento, conferência e distribuição do material no pólo; conhecer e implementar as condições específicas no edital UAB; estabelecer as interfaces necessárias com MEC, Universidade, Prefeituras, Secretarias; coordenar as atividades técnico-pedagógicas do

pólo; acompanhar as atividades dos tutores presenciais; providenciar as aquisições de materiais e equipamentos; dinamizar a vida universitária nos pólos, através da divulgação e publicidade dos eventos internos e externos; dominar os recursos do Ambiente Virtual de Aprendizagem; encaminhar para a UAB solicitações de desligamento do curso; conhecer os PPPs dos cursos; comunicar-se permanentemente com o núcleo da UAB.

O Tutor Presencial acompanha grupos de 25 alunos, e do mesmo modo como para os demais atores, o Guia do Tutor UAB (UAB, 2008) não esclarece a quantidade de horas necessárias para o atendimento a esse número de alunos. A UAB exige que o tutor presencial seja professor da rede pública ou particular, estadual ou municipal, da cidade sede do pólo, com formação de nível superior em Licenciatura, e experiência comprovada de no mínimo um ano no magistério na educação básica.

Moore e Kearsley (2007) discordam das restrições impostas à função do tutor. Por isso também responsabilizam o tutor pela seleção de materiais para o curso. Para esses autores o tutor deve ter responsabilidade para:

- a) elaborar o conteúdo do curso; b) supervisionar e ser o moderador nas discussões; c) supervisionar os projetos individuais e em grupo; d) dar nota a tarefa e proporcionar *feedback* sobre o progresso; e) manter registros dos alunos; f) ajudar os alunos a gerenciar seu estudo; g) motivar os alunos; h) responder ou encaminhar questões administrativas; i) responder ou encaminhar questões técnicas; j) responder ou encaminhar questões de aconselhamento; l) representar os alunos perante a administração; m) avaliara eficácia do curso (MOORE; KEARSLEY, 2007, p.126).

Para Oliveira (2006) o tutor representa a instituição de ensino, pois é o tutor quem melhor personifica a instituição para o participante do curso. Essa afirmação fundamenta-se no fato de ser o tutor a figura que lida diretamente com o participante, pois é o tutor quem presta esclarecimentos administrativos, seja no processo de ensino e aprendizagem, na avaliação do processo formativo, como também na monitoria das atividades dos estudantes. É por essa razão que Oliveira (2006) considera o tutor como o “fator humanizador” do sistema de ensino na modalidade a distância.

Philpsen *et al* (2006) observam que um tutor deve possuir:

capacidade de planejamento e de organização das atividades presenciais e a distância; capacidade de liderar e coordenar grupos de trabalho; facilidade de comunicação e relacionamento em grupo; conhecimento da proposta pedagógica do curso; conhecimento da utilização das tecnologias utilizadas no Curso;

capacidade de orientação de trabalhos e de monografias; capacidade de elaborar relatórios; capacidade de identificar as dificuldades acadêmicas dos aprendizes em seu processo educativo; disposição para aperfeiçoar-se constantemente tanto do ponto de vista metodológico para o ensino a distância como na sua área de conhecimento (PHILPSEN et al ,2006, p. 3).

Philpsen *et al* (2006) também caracterizam a função do denominado tutor da sede que têm como principais funções:

auxiliar na elaboração de material didático, preparar as aulas, elaborar e resolver exercícios para disponibilizar no ambiente, elaborar provas e exames (em conjunto com o professor responsável), corrigir provas e exames, e atender os alunos a distância. Por sua vez, os tutores do pólo (tutor presencial) têm como principais atribuições: auxiliar os alunos na construção autônoma do conhecimento, motivá-los para o trabalho cooperativo, auxiliá-los a organizarem seus estudos, e manter os professores e tutores da sede informados sobre o que está acontecendo no pólo (PHILPSEN et al , 2006, p. 3).

A partir de uma extensa revisão da literatura sobre o tutor e suas funções, Cabanas; Vilarinho (2007) afirmam ser

Evidente a indefinição quanto ao tutor ser ou não um professor e aos limites e abrangência de sua ação. As indefinições em relação a quem é este personagem acabam por fragilizar e descaracterizar a EAD. Por outro lado, reconhecemos o quanto é recente a preocupação em definir esse sujeito, a partir de um olhar mais cuidadoso e com base em pesquisas nessa área (CABANAS; VILARINHO 2007, p.8).

Para Cabanas; Vilarinho (2007) o tutor deve buscar uma relação dinâmica com os orientandos e o conhecimento baseando-se em estratégias interativas. Apesar de qualificar as estratégias de interativas, as autoras não conceituam o termo interativo, somente esclarecem que o tutor precisa possuir conhecimentos consistentes da disciplina na qual atua, e identificam três dimensões no processo de tutoria: a dimensão docente, a pedagógica e a de professor online:

Cada uma dessas dimensões apresenta características específicas que interagem entre si. As considerações aqui tecidas nos levam a admitir que na EAD se faz necessário um tutor-professor que exerça, de maneira competente, funções que

envolvem conhecimento de disciplina, conhecimentos pedagógicos e conhecimentos específicos em TIC (CABANAS; VILARINHO, 2007, p.11)

Faria (2010) é outro autor que identifica o trabalho do tutor com o trabalho docente, pois

como promotor de laços e vínculos, o tutor responsabilizar-se-á pela criação de um ambiente acolhedor, confortável e propício à aprendizagem. E é esse um dos pontos vitais para a construção de conceitos sobre a dialogicidade, a comunicação e a interação que devem constituir o trabalho docente do tutor (FARIA, 2010, p. 34).

A qualidade de mediador é destacada por Faria (2010) ao afirmar que o tutor coloca em relação professor-aluno e aluno-aluno. Para esse autor é no desafio de fazer aprender que o tutor deve-se valer das habilidades da “empatia, o respeito pela pessoa do aluno, o conhecimento do conteúdo, a cordialidade, a capacidade para gerenciar conflitos que se instalam pelas tramas da rede” (FARIA, 2010, p. 35).

A tutoria tem papel fundamental no acompanhamento dos alunos na compreensão de Sathler (2008). Esse autor compreende que a tutoria exerce a função de relacionar a equipe discente com a equipe docente. Sathler (2008) identifica a equipe docente formada por professores-temáticos e coordenador, além dos tutores, que incentivam relacionamentos entre os próprios discentes, seja em grupos organizados para realização de tarefas ou nas trocas individuais de informações. Esse autor afirma que é difícil listar funções e papéis para qualquer função sem construir estereótipos e observa a tensão existente entre o “dever-ser” que se estabelece nessas caracterizações e a realidade. No “dever-ser” do papel do tutor, Sathler (2008) identifica as capacidades de:

manter contato não superficial e regular com alunos (no mínimo semanal), capaz de estabelecer relacionamentos produtivos entre os discentes e destes com a equipe docente; exercer como princípio de atuação o respeito para com a realidade dos alunos e a consciência de que se tratam de seres humanos com necessidades, anseios e desafios próprios; colaborar sem paternalismo para que os educandos tenham condições de encontrar soluções para suas dificuldades, ser problematizador sem se tornar evasivo ou incoerente; assumir que não tem todas as respostas e se dispor a pesquisar em busca daquilo que não sabe; ser claro a respeito de suas expectativas e seus limites, divulgar e cumprir as regras do relacionamento e da comunicação; respeitar a confidencialidade e não expor fraquezas ou erros que possam desmotivar discentes; valorizar os melhores e

mais esforçados para criar uma cultura de autoaperfeiçoamento entre estudantes; aprender com seus colegas, alunos e outros participantes dos processos educacionais, e compartilhar coletivamente suas melhores experiências (SATHLER, 2008, p. 10).

Na compreensão de Sathler (2008), um trabalho de tutoria de boa qualidade implica uma série de indicadores, a saber: interagir regularmente com os participantes do curso; oferecer informações detalhadas periodicamente sobre o funcionamento do curso; escrever mensagens com clareza que respeitem a norma padrão da língua e sejam objetivas; exemplificar as discussões com situações próximas dos participantes; humanizar o ambiente de aprendizagem sem transformá-lo em sessões terapêuticas; dialogar com todos sem identificações pessoais; responder às questões dos participantes dentro do prazo estabelecido, preferencialmente em menos de 24 horas-úteis; demonstrar entusiasmo pelo processo de aprendizagem; encorajar a colaboração; manter a atenção dos participantes nos objetivos de aprendizagem propostos; acompanhar a presença dos participantes evitando a ausência por mais de uma semana; comentar construtivamente as atividades dos participantes, orientando sobre possíveis melhoras nas atividades.

Moreira (2009) considera o tutor como “o profissional que acompanha a turma de alunos durante o período da atividade do curso (MOREIRA, 2009, p.373).” A autora também indica que este deve mediar o processo de ensino e aprendizagem com a função de articular conhecimento e integrar saberes.

A UAB caracteriza o trabalho do tutor a distância com o dever de: dominar os recursos do AVA e o conteúdo da disciplina; ser empático e cordial; participar do curso de formação em tutoria; participar das reuniões pedagógicas, semanalmente; acompanhar o trabalho dos alunos, orientando, dirimindo dúvidas, favorecendo a discussão; realizar o acompanhamento, correção e retorno dos trabalhos acadêmicos, com no máximo 7 dias, além dos trabalhos de recuperação paralela e final dos alunos; assegurar a qualidade do atendimento aos alunos, observando as suas necessidades referentes ao curso; elaborar



relatório mensal de atividades; interagir com os tutores presenciais e evitar encerramento da semana de atividades da disciplina no sábado e domingo (UAB, 2008)

A tutoria presencial representa, para o sistema UAB, o acompanhamento sistemático com os alunos nos pólos. Por essa razão o tutor presencial deve: orientar e acompanhar o acesso e o cumprimento das atividades do aluno no ambiente de aprendizagem; dominar os recursos do AVA; acessar o AVA frequentemente; acompanhar o cronograma das disciplinas e do curso; contatar os alunos indicados pelo tutor a distância; demonstrar cordialidade e empatia no tratamento aos alunos; acompanhar os alunos estimulando e motivando a permanência deles no curso; realizar relatório de atendimento dos alunos no AVA; aplicar e acompanhar atividades nos encontros presenciais agendados, registrando a presença; selecionar e preparar os recursos didáticos e equipamentos necessários ao encontro presencial; desenvolver estratégias e técnicas de estudos e aprendizagem visando fortalecer a autonomia do aluno; conhecer o PPP do curso; participar dos fóruns de tutores nas disciplinas no AVA; participar do curso de formação em EAD e das reuniões pedagógicas no pólo; acompanhar o trabalho dos alunos, orientando, dirimindo dúvidas, favorecendo a discussão; assegurar o bom funcionamento do pólo e do curso, suas instalações e equipamentos; assegurar a qualidade do atendimento aos alunos no pólo; elaborar relatório mensal de atividades; realizar atividades culturais em consonância com o planejamento da disciplina e o PPP.

MODELOS DE ATENDIMENTO AOS ALUNOS

Souza; Bortolato (2007) realizaram um estudo para verificar os modelos de tutoria adotados por Universidades do Estado de Santa Catarina, como a Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e a Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Esses autores constataram que na UNIVALI “a tutoria é feita exclusivamente pelo professor responsável pela disciplina que, com raras

exceções, é o professor conteudista” (SOUZA; BORTOLATO, 2007, p. 6). O professor-tutor da UNIVALI é um docente regular dos cursos presenciais. A UNIVALI oferece cursos para formação continuada aos professores semestralmente em cinco dias contínuos sobre os aspectos gerais da EaD; Material impresso; Ambiente Virtual de Aprendizagem; Tutoria e Vídeo Conferência.

Na UDESC, Souza; Bortolato (2007) observaram que o professor responsável pela disciplina não exerce a tutoria, mas sim que ele “auxilia nas questões de conteúdo quando solicitado, e não é, obrigatoriamente, o conteudista. A equipe de tutoria é que faz a interação com o aluno. Normalmente, atende grupos de vinte a trinta acadêmicos e os acompanha ao longo da graduação, independente da disciplina” (SOUZA; BORTOLATO, 2007, p. 6). Além da tutoria no ambiente virtual, os tutores também têm encontros presenciais com os alunos uma vez por semana.

Souza; Bortolato (2007) destacam que na UDESC “tutor é na pratica o professor, aquela figura presente (física e virtualmente), que acompanha os acadêmicos em sua caminhada ao longo do curso, em todas as disciplinas, desenvolvendo assim uma relação muito próxima e personalizada” (SOUZA; BORTOLATO, 2007, p. 6). Os professores tutores são selecionados na UDESC para exercer exclusivamente o trabalho de tutoria e todos são graduados na área da educação, preferencialmente em Pedagogia. Após a seleção, os tutores passam por formação específica, antes de assumirem a função da tutoria.

Na UNISUL, Souza; Bortolato (2007) constataram que o tutor “é o professor responsável pela disciplina. É ele quem faz a interação virtual com os acadêmicos, motivando-os e avaliando seu desenvolvimento” (SOUZA; BORTOLATO, 2007, P. 7). A UNISUL dispõe de uma Equipe de Capacitação Docente (ECAPE) que é a responsável pela formação dos tutores e o acompanhamento e avaliação do trabalho de tutoria realizado pelo docente. A equipe de capacitação docente está formada por monitores e coordenadores que fazem um controle intensivo das operações e interações que ocorrem no AVA. O controle da coordenação foca principalmente a postura do professor-tutor. O monitor é um

profissional que auxilia o aluno em questões administrativas, na motivação para os estudos e no acompanhamento do processo ensino aprendizagem.

Souza; Bortolato (2007) destacam que na UNISUL existem regras de conduta para os tutores, como o tempo de resposta do tutor para os alunos, que não pode exceder 48 horas. A instituição oferece formação de professores-tutores para todos os docentes da instituição que tiverem interesse na modalidade, em cursos realizados nos meses de fevereiro e julho. Essa formação é pré-requisito para que o docente da instituição possa assumir a responsabilidade da tutoria na modalidade a distância.

Após a análise do modelo de tutoria nas três instituições catarinenses, Souza; Bortolato (2007) concluíram que

ter um tutor atuando de forma separada nas disciplinas, atendendo a turma de maneira exclusiva e permanente, seria o modelo ideal para uma integração perfeita entre aluno, disciplina e 'curso'. No entanto, a viabilização deste sistema, em termos de custos financeiros, recursos humanos e estrutura física, é complicada para a maioria das instituições de ensino, especialmente para aquelas que dependem do pagamento das mensalidades dos alunos para desenvolver a educação (SOUZA; BORTOLATO, 2007, p. 9).

Sobre o sistema de tutoria, Costa (2008) oferece o exemplo da Universidade Metodista. Segundo Costa (2008), a tutoria da Universidade Metodista é exercida por um docente que deve desempenhar um papel mediador no processo de construção do conhecimento. Para Costa (2008) a tutoria

orienta, motiva, anima, questiona, acompanha, responde as questões propostas pelo aluno, avalia tarefas e provas presenciais, discute o conteúdo com o alunado, contribui com a interdisciplinaridade e a transversalidade, pois tem condições de refletir com o discente temas correlatos ao currículo apresentados pelos temas dentro dos módulos (COSTA, 2008, p. 54).

Para realizar o processo de tutoria, Costa (2008) indica ao tutor uma série de verbos que o auxiliam nessa tarefa, a saber: “sentir (sensibilidade), ouvir e ler (o que se diz), interpretar (o que está por traz das palavras), criar (criatividade latente), programar (planejamento), dirigir (organizar as ações didático-pedagógicas), orientar (especialmente o discente).” (COSTA, 2008, p. 55) Nesse sentido, transformar os verbos em realidade é uma

meta coletiva de todo o corpo docente, porém a tutoria tem um destaque especial nessa meta por sua proximidade com o corpo discente. Essa proximidade deve-se ao fato do professor-tutor estar constantemente dialogando com os participantes e deter informações privilegiadas para a elaboração das situações didáticas.

Dominiquelli (2008) é outra autora que identifica o tutor como sendo um professor capaz de gerir um grupo de alunos, sendo responsável pelo planejamento dos temas das aulas. Para essa autora o professor-tutor da EaD é um “um orientador pedagógico, tecnológico e motivacional” (DOMINIQUELLI, 2008, p. 39) que necessita uma compreensão ampla dos conteúdos a serem trabalhados sob sua responsabilidade.

O professor-tutor é o vínculo de ligação entre as pessoas e os acontecimentos, ou melhor, entre os professores e alunos na prática pedagógica diária. Assim, a responsabilidade desse profissional está em apoiar os professores, debater e aprofundar os temas; observar e contribuir com os monitores e suas turmas nos pólos regionais; organizar o trabalho para operar nos processos de acompanhamento e avaliação desses alunos, por meio da mediação e interatividade no ambiente virtual (DOMINIQUELLI, 2008, p. 40).

Outro exemplo de sistema de tutoria é exemplificado por Gelatti; Premaor; Araújo (2010) em um curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). No sistema de tutoria da Graduação em Pedagogia da UFRGS o tutor não tem formação específica em qualquer área das disciplinas com as quais trabalha, pois sua função geral é proporcionar motivação, diálogo, orientação personalizada e orientação coletiva em atividades presenciais e coletivas. Gelatti; Premaor; Araújo (2010) identificam três funções para o tutor: a pedagógica, a social e a organizativa.

Em sua função pedagógica, Gelatti; Premaor; Araújo (2010) reconhecem que o tutor deve ser capaz de: auxiliar alunos a organizarem a aprendizagem; mapear e registrar em conjunto com os alunos seus interesses, as necessidades e as habilidades; analisar sistematicamente o desenvolvimento das atividades e informar a equipe do projeto sobre o andamento das mesmas; incentivar cada aluno a acompanhar e realizar as atividades didáticas; organizar, conduzir e acolher grupos de estudos; incentivar e manter comunidades de interesse on-line entre os estudantes; desenvolver uma pedagogia da

pergunta; incentivar a leitura de livros acadêmicos e de literatura em geral; atuar como mediador e facilitador nas discussões acadêmicas presenciais, sobretudo manter postura acolhedora.

Em sua função social, Gelatti; Premaor; Araújo (2010) reconhecem que o tutor deve ser capaz de: criar ambiente agradável e acolhedor para a aprendizagem; atuar como coordenador e incentivador à participação individual e coletiva; oferecer condições para que os alunos estabeleçam parcerias com outros colegas; fortalecer vínculos com cada aluno; acompanhar a presença dos alunos no ambiente on-line não permitindo ausências por mais de uma semana; estabelecer contratos de trabalho didático; zelar, discutir e incentivar abordagens, idéias e comportamentos éticos.

Em sua função organizativa, Gelatti; Premaor; Araújo (2010) reconhecem que o tutor deve ser capaz de: estabelecer a agenda de tempos e realização das atividades; zelar pelas regras, procedimentos, normas de acordo com as orientações da equipe do projeto; acompanhar as atividades propostas pela equipe do projeto; aplicar atividades definidas pela equipe do projeto; informar a equipe do projeto de todas as questões pedagógicas referentes a cada aluno como ausências, afastamentos, dificuldades; manter contato com a coordenação da equipe do projeto; manter contato permanente com os tutores de outros conteúdos; manter o diário de bordo atualizado sobre suas atividades, dificuldades, realizações e solicitações; realizar relatórios mensais sobre a turma sob sua responsabilidade; registrar casos particulares de dificuldades pedagógicas.

Apesar dos termos tutor e tutoria serem amplamente empregados na modalidade de EaD, consideramos desnecessária utilizar essa nomenclatura para designar o trabalho docente que se realiza ao longo do processo de formação. Dado que em todas as acepções a palavra tutor e tutoria pertencerem ao campo semântico da proteção consideramos que a EaD é uma modalidade de ensino, logo o trabalho que se realiza para fomentar a aprendizagem não é um trabalho de proteção, mas sim um trabalho de provocação e desafio. Mesmo que Emerciano; Sousa; Freitas (2001) observem que o termo necessita ser

ressignificado e que trabalhar como tutor significa ser professor e educador, consideramos que se trabalhar como tutor significa trabalhar como professor e educador, chegamos à seguinte pergunta: qual seria a necessidade de se empregar o termo tutor e resignificá-lo se o trabalho de professor e educador é um trabalho com identidade própria? Fazemos essa mesma pergunta ao sistema UAB, pois se o Guia do Tutor UAB (UAB, 2008) indica que compreende o tutor “como articulador do processo de formação, criador de situações de aprendizagens que proporcione ao aluno em formação montar estratégias para resolver a situação, reconstruir conceitos e utilizar os processos de estruturas mentais complexas” (UAB, 2008, p. 21), qual seria a necessidade de utilizar a terminologia tutor para o trabalho docente?

Silva; Santos (2008) respondem a essa questão indicando que “a figura do tutor representa uma das precariedades recorrentes das IES (Institutos de Educação Superior) que ofertam educação a distância” (SILVA; SANTOS, 2008, p.2). Esses autores ratificam que o tutor “representa na EAD um profissional forjado na lógica da auto-instrução, que rechaça a figura do professor em nome do mero administrador da burocracia do *feedback* do aluno” (SILVA; SANTOS, 2008,p.2).

O posicionamento de Silva; Santos (2008) aproxima-se ao de Belloni (2003) por evidenciar a divisão do trabalho na EAD. Belloni (2003) destaca que a divisão do trabalho fragmentado na autoria dos conteúdos, no desenho instrucional e na mediação com os alunos está baseada no modelo fordista/taylorista de produção industrial.

Observando as várias indicações sobre as funções destinadas aos tutores em Universidades Públicas e Privadas (COSTA, 2008; DOMINIQUELLI, 2008; GELATTI; PREMAOR; ARAÚJO, 2010; MOREIRA, 2009; OLIVERIA, 2006; SATHLER, 2008; SOUZA; BORTOLATO, 2007; UAB, 2008) torna-se evidente que a atual racionalização do trabalho pedagógico na EaD empregada por essas Universidades separa os que pensam, planejam a ação educativa daqueles que a realizam. Essa concepção normativa e prescritiva relega a mediação para uma função de execução de uma ação educativa pensada por outros.



Pode-se constatar essa concepção nos vários “manuais de tutoria” prescritos pelas Universidades Públicas e Privadas que oferecem a modalidade EaD. Daí o “dever ser”, a prescrição muitas vezes contraditória entre as funções dos vários atores da equipe docente.

A tradição taylorista no mundo da produção caracteriza-se pelo parcelamento das tarefas. O parcelamento taylorista demanda resistência física e psíquica para um extenuante processo de produção limitado a determinados gestos de uma linha de montagem. A tradição fordista caracteriza-se pela produção em massa que reduz custos de produção, aumenta o número de postos de trabalho e, conseqüentemente, achata salários. Esse modelo, que vigorou até meados do século XX, foi exemplar na intensa exploração da massa trabalhadora e no acúmulo de capitais pelas grandes corporações, sobretudo automobilísticas.

Na década de 1970 uma crise estrutural que teve na queda da taxa de lucro causada pelo aumento do preço da força de trabalho, resultante das lutas entre Capital e Trabalho da década de 1960, uma de suas causas, além do desemprego estrutural que se iniciava, a retração do consumo, a crise do Estado do bem-estar social e o conseqüente aumento das privatizações, colocou em xeque o modelo de produção taylorista/fordista (ANTUNES, 1999).

Um poderoso processo de reorganização do Capital manifestou-se na emergência do neoliberalismo, com a privatização do Estado, a desregulamentação dos direitos dos trabalhadores e a obsolescência do setor público estatal. Um intenso processo de reestruturação da produção e do trabalho deu origem a outro modelo de produção: o toyotismo. Originário das fábricas japonesas de automóveis Toyota estendeu-se pelo mundo todo. Flexibilidade, multifuncionalidade, tecnologia informatizada, trabalho em equipe, polivalência, são as palavras de ordem do modo de produção toyotista que encobrem:

A desregulamentação enorme dos direitos do trabalho, que são eliminados cotidianamente em quase todas as partes do mundo onde há produção industrial e de serviços; o aumento da fragmentação no interior da classe trabalhadora; a

precarização e terceirização da força humana que trabalha; a destruição do sindicalismo de classe e sua conversão num sindicalismo dócil, de parceria, ou mesmo em um 'sindicalismo de empresa' (ANTUNES, 1999, p.53).

Consideramos que o uso das expressões tutor e tutoria encobre o trabalho docente que se realiza nesse processo; camufla a divisão parcelada do trabalho entre os que planejam e executam em nome de um suposto trabalho colaborativo de equipe no qual ainda se mantém a separação entre os que pensam executam, pois se esse trabalho colaborativo acontecesse os professores denominados de tutores estariam presentes no momento do planejamento do curso. Consideramos que o uso da expressão tutor e tutoria na modalidade EaD dissimula a desvalorização docente com salários abaixo do piso salarial estipulado pela legislação vigente. A Lei n. 11.73, de 16 de julho de 2008 instituiu o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério da Educação Básica. Os salários pagos para o tutor no sistema UAB em cursos de graduação do ensino superior estão abaixo do piso indicado por Lei e são pagos por meio de Bolsas do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

Portanto, para dar visibilidade ao trabalho docente dos diversos atores é que optamos pela expressão processo de acompanhamento da aprendizagem, ao invés de sistemas de tutoria, compreendendo que esse processo vai revelar os pressupostos teóricos da equipe que projeta a ação educativa a distância nos ambientes virtuais de aprendizagem.

PAPÉIS DA EQUIPE DOCENTE NA EAD

A partir do exposto até o momento constatamos que a denominação dos atores da equipe docente pode variar entre professor-conteudista, professor-pesquisador, professor-tutor, coordenador de tutoria, orientador on-line, porém compreendemos que todos esses atores exercem a docência e têm por finalidade intervir na aprendizagem dos participantes de seus cursos. Nesse sentido, optamos pela expressão processo de acompanhamento da



aprendizagem, ao invés de sistemas de tutoria, compreendendo que esse processo vai revelar os pressupostos teóricos da equipe que projeta a ação educativa a distância nos ambientes virtuais de aprendizagem.

A possibilidade de processos educativos a distância, seja em ambientes virtuais ou não, tem carregado os argumentos os argumentos da “razão econômica, instrumental e tecnológica”, ou seja, formar de modo mais barato possível em menor tempo o maior número de pessoas que dominem determinada tecnologia para inserção alienada no mundo produtivo, e justificado o desenvolvimento da formação a distância, pois, em geral, esses recursos estão geograficamente concentrados em grandes centros urbanos. Projetos educativos a distância que se identifiquem com esses argumentos não vão enfatizar o processo de aprendizagem dos participantes pela mediação docente, deixando o mesmo para o próprio sistema informático oferecer respostas padronizadas aos participantes do curso, enfatizando uma “educação bancária” (FREIRE, 1976).

Por outro lado, projetos educativos que se identifiquem com os argumentos de uma formação crítica irão propor um processo de acompanhamento da aprendizagem enfatizando os princípios da “educação problematizadora” (FREIRE, 1976). Enquanto que a concepção bancária alimenta o mito de uma realidade estática, compartimentada e alheia à experiência dos educandos que recebem, memorizam e reproduzem informações, a educação problematizadora discute o sentido da aprendizagem que parte das necessidades do educando em um processo dialógico e ativo. Sem tratar de pensarmos em termos de oposição binária, pois em qualquer polarização entendemos que há um amplo espaço de transição, podemos relacionar o conceito de “educação bancária” com o modelo de comunicação da radiodifusão, ou *broadcasting*, um-para-todos (MACHADO, 1995), e a “educação problematizadora” com o modelo de comunicação *web* (todos-para-todos).

O modelo *broadcasting* refere-se ao modelo de radiodifusão e transmissão televisual. A transmissão televisual inicia-se no Brasil na década de 1950. Na década de 1970, viveu um de seus momentos de maior expansão, fomentada pelo regime militar

instalado com o golpe de Estado de 1964 (1964-1986), assim como, 40 anos antes, foi promovida a difusão do rádio pelo regime militar do Estado Novo (1937-1945). A estrutura de transmissão, que parte de um pólo irradiador aos receptores individuais distribuídos por uma grande extensão geográfica, potencializa a homogeneização política e a pasteurização cultural. Milhões de aparelhos receptores distribuídos por um território recebem diariamente a mesma informação, autorizadas pela mesma instituição governamental. Esse fenômeno foi estudado por Theodor Adorno (1903-1969), entre outros teóricos, que criticaram severamente o meio televisivo por compreendê-lo como fonte de comportamentos passivos que gera a autocracia e os regimes totalitários (ADORNO, 1998).

Prado e Valente (2002) também identificam a abordagem *broadcast* em projetos de EaD. Esses autores apontam três abordagens para a EaD que se utiliza das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs): a abordagem *broadcast*, a virtualização da sala de aula presencial e o estar junto virtual. Prado e Valente (2002) compreendem a abordagem *broadcast* como sendo aquela que transmite informação ao aluno do mesmo modo que as tecnologias de comunicação do rádio e televisão transmitem. Esses autores advertem que apesar de muitos projetos de EaD utilizarem a Internet esses projetos podem se fundamentar em uma abordagem *broadcast*. Do mesmo modo, projetos de EaD que utilizam os recursos das redes telemáticas a partir da concepção da sala de aula presencial apenas tornam a sala de aula virtual, transferindo para o ambiente virtual o modelo da comunicação unidirecional da sala de aula presencial. Prado e Valente (2002) afirmam que o estar junto virtual explora a potencialidade interativa das TICs e a comunicação multidimensional aproximando emissores e receptores.

Concordamos com a análise de Prado e Valente (2002), porém consideramos que o estar junto virtual, identificado por esses autores corresponde ao modelo de comunicação *web*. Denominamos de comunicação *web* o modelo resultante da multiplicidade de meios e ou códigos computacionais que se configuraram ao longo dos últimos trinta anos do século XX, que permitiram o *Transaction Control Protocol/Internet*



Protocol (TCP/IP) e a conseqüente comunicação entre os computadores em rede. Esse processo gerou a possibilidade de que qualquer ponto conectado à rede não só pudesse buscar informação, mas também, produzir e trocar, informação. Portanto, possibilitou a comunicação de qualquer ponto da rede com os demais, ou seja, todos-com-todos, sem o controle de um centro difusor ou regulamentador desse processo. Estudiosos como Manuel Castells (CASTELLS, 1999) e Steven Johnson (JOHNSON, 2001) têm analisado este fenômeno a partir de perspectivas diferentes.

A partir do modelo de comunicação *web*, compreendemos que um processo de formação baseado nesses princípios configura-se como uma prática em e para as redes de aprendizagem que fazem uso de várias tecnologias para a circulação de experiências entre sujeitos de identidade múltipla que apresentam necessidades de formação diferenciadas. Desse modo, reconhecemos as possibilidades e potencialidades desse modelo de comunicação *web* para os processos de transmissão de informações; comunicação, apropriação e construção de conhecimento, habilidades, atitudes e valores, assim como sua função de suporte, instrumento, dispositivo de criação e articulação de estratégias e comportamentos democráticos.

A partir desses modelos de comunicação, *broadcasting* e *web*, compreendemos que podemos encontrar processos de acompanhamento da aprendizagem que se configuram a partir da noção de transmissão de informações, um para todos, professor para alunos, baseando-se em um processo unidirecional, e outros que propõem um trabalho comunicativo entre os corpos docente e discente. Desse modo, identificamos que todos os atores que possam vir a compor a equipe docente para o acompanhamento do processo de aprendizagem dos participantes de um curso a partir do modelo de comunicação *web* desempenham três grandes papéis: organizador, socializador e problematizador. Esses papéis são inseparáveis e caracterizam toda e qualquer ação docente a partir do modelo de comunicação *web*.

Sem pretender estereotipar, nem fragmentar esses papéis, compreendemos que o organizador implica as capacidades de planejamento do processo, como selecionar recursos, estruturar conteúdos e atividades, prover recursos. O papel socializador requer as capacidades para estabelecer a comunicação, fomentar a participação, motivar, despertar a curiosidade, promover vínculos de confiança, apoiar a cortesia, impulsar a equipe e favorecer as trocas. O papel problematizador solicita as capacidades de fomentar a ação-reflexão-ação, permutar experiências, promover a metacognição e avaliar o processo.

Na tentativa de sintetizar as capacidades e ações que cada um desses papéis inseparáveis requer, independente do docente que o desempenhe, para o acompanhamento do processo de aprendizagem a partir do modelo de comunicação *web*, apresentamos o quadro a seguir:

**PAPÉIS DA EQUIPE DOCENTE
PARA O ACOMPANHAMENTO DA APRENDIZAGEM
NO MODELO DE COMUNICAÇÃO WEB**

Papel Organizador	ser capaz de	planejar.	ter clareza epistemológica (o que é necessário aprender) e clareza pedagógica (como se aprende).
		selecionar recursos.	saber dispor as condições, tempos e intervenções dos debates a realizar.
		estruturar conteúdos e atividades.	orientar processos de busca, seleção e avaliação da informação.
		prover recursos.	indicar o rumo do curso e as características do ambiente de aprendizagem aos participantes.
		conhecer o ambiente de aprendizagem.	obter fontes de informação sobre as necessidades de aprendizagem dos participantes e seus itinerários para a solução dos problemas.
		cumprir os acordos (cronograma inicial do curso e necessidades dos participantes).	acomodar o planejamento inicial às necessidades de aprendizagem dos participantes.
			retroalimentar constantemente as realizações dos participantes.
			conectar / sintetizar as idéias dos participantes para ampliar a percepção de conjunto dos temas tratados.
	submeter sua própria prática à avaliação dos participantes.	ler e compreender mensagens nos níveis informativo e interpretativo.	
Papel	capaz	criar clima agradável	categorizar mensagens.
		estabelecer a comunicação	conectar e sintetizar mensagens, sinalizando questões discutidas, esquecidas ou pouco discutidas.
		fomentar a participação.	escrever mensagens claras e afetuosas que não ofereçam a solução do problema.
		motivar.	

Socializador	de	promover vínculos de confiança	instigar a solução do problema.
		apoiar a cortesia	atender aos requerimentos dos participantes com prontidão.
		impulsionar a equipe	reconhecer estilos de participação no ambiente.
		favorecer as trocas	
Papel Problematizador	ser capaz de:	permutar experiências.	dominar conteúdos epistemológicos.
		fomentar ação-reflexão-ação.	criar conflitos cognitivos.
		promover a metacognição.	propor problemas.
		avaliar o processo.	respeitar os tempos individuais de aprendizagem.
			reconhecer e respeitar os estilos de aprendizagem dos participantes.
		reconhecer as possíveis transformações dos participantes ao longo do curso.	

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto concluímos que apesar dos termos tutor e tutoria serem amplamente empregados na modalidade de EaD, considerarmos desnecessário utilizar essa nomenclatura para designar o trabalho docente que se realiza ao longo do processo de formação. Dado que em todas as acepções a palavra tutor e tutoria pertencem ao campo semântico da proteção, consideramos que a EaD é uma modalidade de ensino, logo o trabalho que se realiza para fomentar a aprendizagem não é um trabalho de proteção, mas sim um trabalho de provocação e desafio.

Consideramos que se trabalhar como tutor significa trabalhar como professor não temos a necessidade de empregar outro termo que não seja o de professor para o acompanhamento da aprendizagem dos participantes dos cursos a distância, pois o trabalho de professor é um trabalho com identidade própria. Concluímos que o uso das expressões tutor e tutoria reforça a divisão do trabalho fragmentado na EaD na tentativa de manter um modelo fordista/taylorista de produção industrial. Constatamos que a racionalização do trabalho pedagógico na EaD imposto por esse modelo separa os que pensam, planejam a ação educativa daqueles que a realizam. Essa concepção normativa e prescritiva relega a mediação para uma função de execução de uma ação educativa pensada por outro.



Consideramos que o uso das expressões tutor e tutoria procura encobrir o trabalho docente que se realiza nesse processo; camuflar a divisão parcelada do trabalho entre os que planejam e executam em nome de um suposto trabalho colaborativo de equipe no qual ainda se mantém a separação entre os que pensam e executam, pois se esse trabalho colaborativo acontecesse os atores denominados de tutores estariam presentes no momento do planejamento do curso. Consideramos que o uso das expressões tutor e tutoria procura dissimular a desvalorização docente com salários abaixo do piso salarial estipulado pela legislação vigente e atender a uma razão econômica e não pedagógica.

Portanto, para dar visibilidade ao trabalho docente dos diversos atores da equipe EaD, concluímos ser mais adequado utilizar a expressão processo de acompanhamento da aprendizagem, ao invés de sistemas de tutoria, compreendendo que esse processo vai revelar os pressupostos teóricos da equipe que projeta, implementa e avalia, em um movimento contínuo e indissociável, a ação educativa na modalidade a distância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. **Prismas: crítica cultural e sociedade**. São Paulo: Ática, 1998.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. Ed. Boitempo, São Paulo, 1999.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – ABED (org.) **Censo EAD.BR**. São Paulo : Pearson Education do Brasil, 2010.

BELLONI, M. L. **Educação a distância**. 3 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

BERNAL, Edith González. Formação do Tutor para a Educação a Distância: Fundamentos Epistemológicos. **Ecos, Revista Científica**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 55-88, jan/jun. 2008.

BOTTI, Sérgio Henrique de Oliveira; REGO, Sérgio. Preceptor, Supervisor, Tutor e Mentor: Quais são Seus Papéis? **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 32. n. 3, p. 363-373, 2008.



BRASIL. Ministério da Educação. **Decreto nº 5622, de 19 de dezembro de 2005**, que regulamenta o art. 80 da LDB, que estabelece as diretrizes e bases da Educação a Distância. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm Acesso em: junho de 2011.

BRUNER, J. **Realidad Mental y Mundos Posibles**. Barcelona: Gedisa, 1998.

CABANAS, Maria Imaculada Chão.; VILARINHO, Lúcia Regina Goulart.. “Educação a distância: tutor, professor ou tutor-professor?”. V **E-TIC – 5º ENCONTRO DE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO**. Rio de Janeiro, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, Marcos Munhoz da. Tutoria: dirigindo e orientando situações de aprendizagem. In: AZEVEDO, Adriana Barroso de; SATHLER, Luciano. **Orientação Didático-Pedagógica em cursos a distância**: Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo: Ed. Metodista, 2008.

DOMENIQUELLI, Alessandra M. T. A organização do trabalho do professor-tutor. In: AZEVEDO, Adriana Barroso de; SATHLER, Luciano. **Orientação Didático-Pedagógica em cursos a distância**: Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo: Ed. Metodista, 2008.

EMERENCIANO, Maria do Socorro; SOUSA, Carlos Alberto de; FREITAS, Lêda de. Ser Presença como Educador, Professor e Tutor. **Revista Colabor@**, Curitiba, v.1, n.1 - p. 4-11, agosto 2001.

FARIA, Elísio Vieira de. O tutor na Educação a Distância: A construção de conhecimentos pela interação nos ambientes midiáticos no contexto da educação libertadora. **Scientia FAER**, Olímpia - SP, a.2, v.2, 1º Semestre. 2010.

FREIRE, Paulo **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GELATTI, L. S.; PREMAOR, V. B.; ARAÚJO, A. R. Tutoria na educação a distância: proposta do curso de licenciatura em pedagogia a distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul(UFRGS). **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. especial 2, p. 153-172, 2010.

HOUAISS, A. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Belo Horizonte: Editora Objetiva, 2009.



JOHNSON, Steven. **Cultura da Interface**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LITTO, F; FORMIGA, M.M.M. (orgs). **Educação à Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

MAIA, C. **Guia Brasileiro de Educação a Distância**. São Paulo: Esfera, 2002.

MACHADO, Arlindo **A arte do vídeo**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MIRANDA, Natália Pergher; RONSONI, Marcelo Luis. Educação superior a distância: reflexões acerca do papel do tutor no processo de ensino-aprendizagem. **ANAIS DO XV ENDIPE – ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais**, Belo Horizonte, 2010.

MOORE, Michael, KEARSLEY, Greg. **Educação á distância: uma visão integrada**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

MOREIRA, M. G. A composição e o funcionamento da equipe de produção. In: LITTO, F; FORMIGA, M.M.M. (orgs). **Educação à Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

OLIVEIRA, Gleyva Maria Simões de Oliveira. **O Sistema de Tutoria na Educação a Distância**. Núcleo de Educação a Distância: Universidade Federal do Mato Grosso, 2006.

PRADO, M. E. B. B.; VALENTE, J. A. A. Educação a distância possibilitando a formação do professor com base no ciclo da prática pedagógica. In: MORAES, M. C. **Educação a distância: fundamentos e práticas**. Campinas: Unicamp/NIED, 2002.

PHILIPSEN, Thaís Neuenfeld *et al.* **O Sistema de Tutoria no Curso de Licenciatura em Matemática a Distância**. *Revista Novas Tecnologias na Educação CINTED-UFRGS*. V.4 N° 2, Dezembro, 2006.

SARAIVA, Luciana Martins *et al.* Tensões que afetam os espaços de Educação a Distância. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 483-491, set./dez. 2006.

SATHLER, Luciano. A tutoria em cursos superiores a distância. In: AZEVEDO, Adriana Barroso de; SATHLER, Luciano. **Orientação Didático-Pedagógica em cursos a distância**: Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo: Ed. Metodista, 2008.



SILVA, Marco; SANTOS, Edméa. Entrevista com os professores Marco Silva e Edméa Santos. Revista Paidéi@, Santos, v.1, n.1, 2008. Disponível em: <http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=article&op=viewPDFInterstitial&path%5B%5D=31&path%5B%5D=22>. Acesso em: junho, 2011.

SOUZA, Carlos Alberto de Souza; BORTOLATO, Márcia Melo. A tutoria na graduação e em disciplinas de Universidades Catarinenses. 13º CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. Curitiba, setembro, 2007.

UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL, UAB. **Guia do Tutor UAB**. Brasília: MEC/UAB/UB, 2008.

MARIA EMILIA SARDELICH

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Especialista em e-learning pela Universidade Nacional de Educação a Distância (UNED) Espanha. Coordenadora de Artes Visuais da Universidade Metropolitana de Santos - Unimes Virtual.

Artigo recebido em 02/06/2011

Aceito para publicação em 09/11/2011

Para citar este trabalho:

SARDELICH, Maria Emília. Os Papéis da Equipe Docente no processo de Acompanhamento da Aprendizagem em Cursos a Distância. Revista Paidéi@, UNIMES VIRTUAL, Volume 2, número 4, dez. 2011. Disponível em: <http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br>>. Acesso em: __/__/____.